

VISÃO DO CORREIO

Desmatamento: uma prática que o Brasil precisa banir

Entre os eventos de importância da agenda do Brasil durante 2025, a 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP30), realizada em Belém, no Pará, no mês de novembro, foi destaque. Marcado pelo esforço de implementar compromissos assumidos em edições anteriores — em especial, as metas do Acordo de Paris e a transição energética para fontes renováveis, além de aumentar o financiamento para países em desenvolvimento, promovendo a justiça ambiental —, o encontro deixou legados significativos. Mas, diante dos desafios da atualidade que vêm afetando progressivamente a vida no planeta, uma prática antiga no Brasil permanece presente: o desmatamento.

As estatísticas mais recentes mostram avanços, porém também revelam o tamanho do problema. Entre agosto de 2024 e julho de 2025, a Amazônia Legal perdeu cerca de 5.796 quilômetros quadrados de floresta, uma diminuição de 11,08% em comparação ao ano anterior, atingindo o menor índice em 11 anos, segundo o Projeto de Monitoramento do Desmatamento por Satélite (Prodes) do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). No Cerrado, a queda foi de 11,49%, passando para 7.235 quilômetros quadrados de áreas desmatadas. Ambas as reduções são expressivas; no entanto, os números indicam pressão contínua sobre áreas verdes de relevância fundamental. Os dados traduzem uma realidade que não é nova: há progresso derivado de políticas públicas e fiscalização reforçada, mas a perda de vegetação nativa segue elevada, com consequências diretas para a biodiversidade, o clima global e a qualidade de vida.

Diante da guerra contra a devastação ambiental no país, uma das batalhas é dissociar a ideia de que preservação é

sinônimo de estagnação econômica. Estudos e experiências nacionais e internacionais demonstram que internalizar valores ambientais em cadeias produtivas atrai investimentos responsáveis e amplia os valores agregados. Nesse sentido, o setor privado tem papel central e precisa operar com transparência, rastreabilidade de origem, redução de emissões e respeito ecológico.

Já a atuação do Estado tem de ser robusta e articulada, sempre em sintonia com a produção. O fortalecimento dos órgãos de fiscalização ambiental não pode ser encarado como despesa. Ao contrário: é investimento para garantir uma economia sólida. A tecnologia aplicada para manter o monitoramento e criar sistemas de controle eficiente deve estar em constante aprimoramento.

Por sua vez, a sociedade é parte vital no combate ao desmatamento e deve atuar como agente ativo de transformação ambiental, econômica e cultural. A preservação das florestas não depende apenas de governos, da fiscalização e do cumprimento de leis; ela se consolida quando valores, escolhas e práticas sociais caminham nessa direção. Normalmente, ações ligadas à devastação e à exploração predatória só prosperam porque encontram “mercado”.

A mobilização e o controle cidadão — por meio de denúncias e vigilância das políticas públicas —, aliados à mudança de hábitos, são capazes de impedir retrocessos e têm a força necessária para promover o fim do desmatamento ilegal. Preservar o meio ambiente não é tarefa somente institucional e governamental. É uma responsabilidade compartilhada, que exige uma sociedade informada, mobilizada e comprometida com um plano de desenvolvimento que reconheça a floresta e a vegetação não como obstáculos, mas como bases estratégicas para o futuro do Brasil.



DARCIANNE DIOGO
darciannediogo.df@dabr.com.br

Hierarquia do luto

Ainda hoje, me lembro de uma aula na faculdade de jornalismo, em 2016, logo nos primeiros semestres. O tema era valor-notícia e a apresentação dos critérios de seleção para uma reportagem: proximidade, novidade, notoriedade, relevância, inesperado, conflito, interesse humano e tempo. São esses parâmetros que orientam a escolha do que vira notícia. Com os anos de profissão, esse filtro se torna automático. (Muitas vezes) você até perde a sensibilidade sobre o que é ou não importante.

Essa discussão voltou com força para mim em novembro de 2025, quando escrevi a reportagem *O pacto da esquerda: adolescentes juram devoção ao crime em troca de pertencimento*. Naquele mês e em outubro, Brasília assistiu a uma sequência de episódios violentos em que menores de idade figuraram como autores e vítimas. Um dos casos de repercussão foi o de Isaac Augusto de Brito Vilhena, 16 anos, esfaqueado e morto durante um assalto na 112 Sul, em 17 de outubro.

O latrocínio ganhou as manchetes brasilienses (jornais, sites, TVs, rádios) por dias seguidos e, um mês depois, para relembrar, uma reportagem necessária e conveniente publicada no **Correio**. Para além da gravidade do crime, tecnicamente, a ampla explicação midiática se modula nos parâmetros do valor-notícia: o fato ocorreu no centro de Brasília, em uma quadra de alto padrão; a vítima era muito jovem; filho de médico e enfermeira; e aluno do Colégio Militar.

A repercussão cutucou autoridades a se manifestar e acelerou a resposta policial na apreensão dos suspeitos — também

adolescentes. Cabe aqui outro conceito clássico das faculdades de jornalismo: a teoria Agenda Setting, desenvolvida na década de 1970 por Maxwell McCombs e Donald Shaw. O estudo defende que o público tende a dar mais importância aos assuntos que têm maior exposição nos meios de comunicação.

A ampla divulgação do crime contra Isaac é necessária. A questão é outra: e os demais casos?

Menos de um mês depois, Allany Fernanda, de apenas 13 anos, foi assassinada com um tiro na cabeça disparado por um amigo. O crime ocorreu no Sol Nascente, dentro de uma quitinete em uma rua sem saída, cercada por becos pichados pelo PCC. Filha de pais desempregados e usuários de drogas, Allany não tinha residência fixa e circulava entre a casa da avó, no Setor O, e a da mãe, em Águas Lindas (GO).

O namorado — que estava com ela no dia do crime — era desconhecido pela família. Quando soube da trágica notícia, a mãe sequer sabia o endereço do imóvel. Nas redes sociais, os comentários (preconceituosos) soavam como uma justificativa: “Isso que dá ficar atrás de macho”

Midiaticamente, dois dias de jornal foram suficientes para “extrair” toda a história de Allany. Valor-notícia: ignorado. A região não importava, notoriedade, muito menos. Não houve nota de repúdio de autoridades nem homenagem pública, como no caso de Isaac. O que diferencia Isaac de Allany não é a violência da morte, mas o valor simbólico atribuído a cada vida. Quando a cobertura da imprensa é seletiva, o luto também se torna.

“Gosto dos animais porque são as vítimas inocentes da crueldade humana, que não tem limites. Os animais dão tudo e não pedem nada. Os homens, ao contrário, pedem tudo e não dão nada.”

Brigitte Bardot
1934–2025



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

País virtuoso

Brasil, país virtuoso em recursos da natureza, apresenta elementos nobres, como o nióbio e o lítio, provenientes de terras raras. Mostra, em abundância, o sol, a água e o vento, que podem se transformar em riquezas importantes, como a energia. Se fosse o país pródigo em ciência e tecnologia, estaria exportando com agregação de valor. O papa João Paulo II disse que Deus é brasileiro. Sim, mas é preciso transformar essas dádivas em riqueza para se tornar um país virtuoso.

» Enedino Corrêa da Silva
Asa Sul

Pode chegar, 2026!

Mais uma vez um ano se aproxima e, com isso, muitos sentimentos nos envolvem, com a expectativa de novas possibilidades, novos pedidos, desejos, renovação, planos, metas... Diante disso, um momento de reflexão para acalmar o coração e harmonizar os pensamentos é uma boa opção. Nenhum ano será realmente novo se continuarmos a cometer os mesmos erros. Desejo a todos muita paz, alegria e um país mais tolerante. 2026 será de muitas conquistas e vitórias para todos! Que venha logo e traga boas notícias! Por dias melhores. Deus abençoe o Brasil.

» José R. Pinheiro Filho
Asa Norte

Mais e menos

Quero ver em 2026 mais união, mais amor. Mais emprego, menos sofrimento. Mais ternura, menos opressão. Mais sinceridade, menos hipocrisia. Mais fartura, menos fome. Mais solidariedade, menos agressão. Um basta nos covardes feminicídios, cadeia dura para os assassinos. Mais abraços, menos destemperos. Fim dos intoleráveis e insuportáveis penduricalhos para políticos e magistrados. Menos tragédias na saúde pública, melhor acolhimento profissional. Mais prudência e responsabilidade nas rodovias. Mais tolerância, menos despudor. Menos promessas dos governantes, mais ações pelo coletivo.

» Vicente Limongi Netto
Asa Sul

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Brigitte Bardot marcou várias gerações. É um dos grandes ícones do cinema. E com seu “luto eterno” na luta pelos animais nos ensinou muito. Fará muita falta!

Fabiana Silvério — Brasília

Que interessante: quando o dinheiro é para os parlamentares, bilhões de reais de restos a pagar chamam de “resgate”; quando é para o país, chamam de gasto. E ainda tem gente dizendo que o problema é a falta de verba...

Paccelli M. Zahler — Sudoeste

Quatro mulheres são vítimas de feminicídio por dia no Brasil, e os políticos preocupados com chinelos.

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

Não acredito no fim dos tempos. Acredito que vivemos em um país em que a impunidade reina. Ninguém tem mais medo da Justiça. Sabe que, se cometer um delito, só vai ficar um terço da pena na cadeia.

Djalma Cardosos — Brasília

De que adianta esse empréstimo bilionário aos Correios se a máquina vai continuar funcionando do mesmo jeito? Sem corte de gastos e com os rombos milionários a cada mês, é enxugar gelo.

Wellington Barbosa — Brasília

Brasileiro está otimista para 2026, mostra pesquisa. Está parecendo banda de pagode: “pura ilusão”.

Leonildo Costa — Brasília

vamos que os bons condutores da vida dão o nocaute certo nas tais inversões de valores!

» Antônio Carlos S. Machado
Águas Claras

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegará”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine

(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie

Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS*

SEG a DOM
R\$ 1.187,88
360 EDIÇÕES (promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61)99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br